

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Matheiro Dias — REDACTOR: José Teubert Chaves

Assignatura para Portugal, colónias e Hespanha: Assignatura condicta do Securo do Supplimento Honorístico do Seculo e da Illustração Portuguesa

ANNUO	18000	ANNUO	15000	ESTRANGEIRO	18000
SEMI-ANNUO	9000	SEMI-ANNUO	7500	SEMI-ANNUO	9000
TRIMESTRE	4500	TRIMESTRE	3750	TRIMESTRE	4500

REDACTORA, ADMINISTRACÃO E OFFICINA — Rua Formosa



Summario

A LENDA COMICA E FANTASTICA DO DIABO, COM 16 ILLUST.—CHRONICA THEATRAL: A 'SEVERAS' COM 1 ILLUST.—A MANIFESTACÃO ACADEMICA EM MEMORIA DO DR. ILLYDIO AMADO, COM 5 ILLUST.—A CERIMONIA DO JURAMENTO DE BANDEIRAS, COM 4 ILLUST.—A CABECA DO VELHO, COM 1 ILLUST.—PALMYRA TORRES, PELO SR. URBANO RODRIGUES, COM 16 ILLUST.—COMO VIAJAVAM E PASSEIAVAM OS NOSSOS AVÓS, COM 16 ILLUST., ETC., ETC.

CHRONOMETRO.



ZENITH

O melhor relógio em ouro, prata e aço. O único que em dois annos com seguia impoz-se a todas as outras marcas.

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluídas a conferida na Exposição Agrícola de Li. ha.

Preço 400 réis

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, marítimos de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, l., effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado "Popular" para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

Lima Mayer & C.

RUA DA PRATA 59 1.

LISBOA

Bicyclettes



A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber da Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accesorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «H. S. A.» e «Lion». Reservas nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que são lianagetro amolimento tem sido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accesorios como bem esmaltada e do quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores, lanternas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender. J. Castello Branco, rua do Socorro, 48, e rua de Santo António, 32 e 34 — Lisboa.

NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e broches a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 15000 réis o par. Lindos collares de perolas a 18000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

Agente em Paris: — Camillo Lipman, 26, Rue Vignon



DE TENTADOR DE CRISTO A HEROE DE MAGICA A EVOLUÇÃO DA LENDA DO DIABO DESDE OS PRIMEIROS SECULOS DA EGREJA OS PACTOS INFERIAES O DIA-BO TERRIVEL E O DIABO COMICO.

Personagem mais grotesca do que' terrivel. *claven* macabro mais do que monstro temeroso, em quantas aventuras e desventuras os antigos novelistas fizeram apparecer a figura ridicula do diabo! Com os seus olhos vesgos, o pé de cabra, o nariz

adunco, a barbicha ruiva, a cauda lanzuda, quem ha que o não tenha encontrado, ameaçador ou ironico, nos quadros ingenuos dos pintores primitivos, na lenda popular ou na novella litteraria?

Sem a nobreza tragica de Satanaz, o anjo taciturno e rebelde, principe tenebroso do mal e de hierarchia divina, o diabo das velhas lendas é um diabo do paiz das diabruras, fumoso pelas suas partidas hilariantes e pelas suas façanhas maliciosas, heroe comico creado em represalia ao

terror theologico do inferno, verdadeira caricatura de Lucifer, tornado inoffensivo pelo ridiculo.

Depois de haver tremido debaixo da tyrannia de Satanaz, cujas luctas com a divindade enchem de supersticioso fragor as primeiras eras do christianismo, a Edade Media revoltou-se e atacou-o com as armas dos fracos:

a satyra e o escatneo. Para deixar de ter medo d'elle, ridicularizou-o. Fel-o comico para o tornar inoffensivo. O processo é ainda hoje o mesmo. Somente, ao diabo substituiram-se os despotas, os tyrannos e... os chefes de governo. O liberalismo, no seu periodo de lucta com o absolutismo, usou largamente da caricatura. Durante o cerco do Porto, a pedra lithographica fez uma concorencia victoriosa á artilharia. Trinta annos antes, a Inglaterra, sob a oppressora ameaça de Bonaparte, lançou mão da caricatura para

enfraquecer o prestigio do novo Cesar. D. Miguel apparece com pés de cabra em algumas lithographias revolucionarias de 1832. A tradiçao confundia assim, com dez seculos de intervallo, a caricatura de Satanaz e a caricatura do rei de Queluz...

Mas, transformando-se em personagem burlesco, o espirito maligno conservou o papel que sempre foi o seu: o de tentador da humanidade. A sua tarefa sinistra continua sendo a de encher de almas o seu sacco de pelle de dromedario. Descendo á cathogoria de mafarrico, ficou senhor dos talismans e dos mais maravilhosos recursos de perdição. De decadencia em decadencia, o Lucifer dos doutores da egreja chegou á vulgaridade de personagem de magica. Das mãos de Santo Agosti



O DIABO

(De um manuscrito do seculo XV)



O DIABO

(De um missal iluminado do seculo XVI)



nis, passou ás de Eduardo, Garrido, Das Escripturas veiu pi-car aos cartizes de theatro.

Mas que aventureira e atribulada vida a sua, desde a realza torpe o sinistra dos salbato até á realza theatral e innocensiva das magicas! Que immenso caminho andado, desde a tentação do deserto, em que o Anjo se atreve a disputar a Deus a alma de Jesus, até ás satyras irreverentes de Gil Vicente, em que o diabo se dá por amigo dos Papas! Como seria palpitante de interesse; o estudo minucioso d'essa evulsão, que tho leve começa e durante seculos se perpetua! Lucifer era de facto um thema excepcional para o exercicio moderado da lenda. A imaginação humana, impressionada pelo terrorismo theologico, deu corpo a esse symbolo maligno, attribuiu-lhe todas as hecatombes, todos os crimes e todos os flagellos. A lucta entre Deus e o demonio dominou os primeiros seculos da egreja, e de tal maneira Lucifer se engrandecceu que o fanatismo lhe grangeou proselytos e seitas. Sacrificou-se ao demonio em altares conspurcados. O tentador dos eremitas, que povoava de mulheres nuas e sonhos de Santo Antonio, deixava em breve de ser o mal imperconificado para revestir apparencias materiaes. Era elle que presidia aos salbato sob as formas de um bode libidinoso, e era elle em pessoa que já no seculo VI assagnava com o monge Theophilo o pacto que o elevaria a uma proeminente dignidade ecclesiastica. E talvez d'esta lenda millenaria que resulta mais tarde a lenda do Fausto. Uma vez creada a versão do pacto, vem-a renovada a cada momento. E' Sixto V pactuando entregar-se ao diabo contanto que



A TENTACÃO DE K. LEÃO THAUBATURGO E HELIODORO

(De um quadro do Museu Nacional de Bellas Artes—Seculo XVI)

temando as proporções grandiosas de uma idea, que em breve vae ferir de morte o dominio theologico do universo e resgatal-o para a sciencia e para a verdade. O demonio, inesperadamente, passa a ser a representação do prazer e da belleza. A Renascença é, enfim, a obra radiante e gloriosa do diabo!



A PALEONTOLOGIA AO SERVIÇO DA LENDA DEMONIACA (Composição do seculo XVIII)



O DIABO GROTESCO (Seculo XVII)

A S. Frei Gil remonta, na tradição litteraria, a primeira lenda demoniaca de Portugal. Nasceu Gil Rodrigues no logar de Bouzella, termo da cidade de Vizeu, pelo anno de 1100, de paes illustres no sangue e abastados de bens. Deu-se Gil com particular affeição á medicina e el-rei D. Sancho o enriqueceu ainda moço com vastos beneficios ecclesiasticos. A ancia de saber



O DIABO (De um desenho do seculo XVII)

o elejam papa e lhe concedam seis annos de reinado; — é frei Gil assiguando com o seu proprio sangue uma escriptura em que abandona a alma ao demonio em troca da fama e da gloria.

Satanaz não vive já apenas no inferno; apparece na terra para tentar os mortaes, revestindo todas as formas, desde as mais repulsivas ás mais attraentes. Entra nas cellas das freiras, dissimula-se no habito de um frade. E' o infatigavel propagador do peccado, empenhado na sua lucta formidavel com os céus, recorrendo a todos os expedientes para conquistar as almas. Insensivelmente, entre a espessa nevoa imaginosa da legenda, a dramatica figura vae

S. FREI GIL COMO UM ESTUDANTE DE MEDICINA, QUE VAE A PARIS, ENCONTRA O DIABO SO CAMINHO A LENDA DEMONIACA EM PORTUGAL OS PAGENS DE SANTA IZABEL A DAMA PÉ DE CABRA GIL VICENTE

chamava-o para Paris e Gil partiu. Na viagem appareceu-lhe uma figura humana, que fingindo seguir o mesmo caminho o acompanhou. Era o diabo. Os dois viajantes entraram a conversar. Affirmava-lhe o companheiro que a arte magica era a unica que fazia um homem estimado nas côrtes, valido dos reis e quasi absoluto senhor de quasi todo o resto do

enchia a França, chegara a Portugal. Gil era, enfim, o homem eminente que sonhara ser. Mas uma noite de vigilia, quando estava absorvido entre os livros da sciencia e as retortas, apparece-lhe de subito um resplandecente cavalleiro, que lhe diz: «Muda de vida, homem; se não morto és». E immediatamente, como S. Paulo, Gil se sentiu ferido na alma por



O INFERNO

(Quadro de autor desconhecido, existente no Museu Nacional de Bellas Artes, século XVII?)

mundo. Corroborava a affirmativa com exemplo de varias personagens, affiançando-lhe que a magia, auxiliada pela medicina, lhe traria a fama de um grande philosopho.

Assim o foi persuadindo e logo que o viu disposto lhe impoz o deixar a fé e lavar uma escriptura assignada com o seu proprio sangue.

Sete annos residiu Frei Gil nas Covas de Toledo. Dirigiu-se depois a Paris, onde tomou o grão de doutor, esquecido do céo no desvanecimento; da gloria. A sua fama, que

essa voz celestial. Logo, chamando os servos, mandou queimar os livros e destruir os fornos, os cadinhos e as retortas. Pondo-se a caminho, de regresso a Portugal, en-

trou em Castella, foi a Valencia e fez confissão geral ao prior de S. Domingos. O nigromante alia-se por todos os grãos da ascre mystica. Gingem no cilicio de ferro, que lhe chagam o corpo. As noites consome-as na oração. No anno de 1221 entra em Portugal já professo e salva-o a intervenção da Virgem,



O AVARENTO ENCADEADO PELO DIABO

(Estampa popular do século XVII)

apiedada pelos fervores das suas constrictas penitencias.

2ª A lenda de S. Frei Gil conserva ainda o caracter medieval da obsessão de-

vissima e proxima noção do diabo. Dante, evocando Virgilio e conduzindo-o ao inferno, entrevê o Renascimento. A humanidade, por tantos seculos



6 JUÍZO FINAL

(Quadro do Museu Nacional de Bellas Artes)

moníaca e é entre nós a sua mais pura expressão legendaria. Em breve, porém, a lenda perde a sua simplicidade classica. O elemento fantastico intervem na secular contenda entre o diabo e Deus. A lenda dos pagens de Santa Izabel e o conto da *Dama do pé de Cobra*, que se encontra no *Nobiliario* do Conde Dom Pedro, accusam já a tendencia indelevel para a no-



submettida ao sombrio jugo escholastico da Egreja, descobre, enfim, que a vida é bella. O riso e a alegria enchem de novo a terra.

O diabo é agora um psychologo subtil e penetrante, um analysta sagaz, emerito sabedor das fraquezas dos homens, que a cada um tentará consoante o seu temperamento e o seu gosto: ao glútho com acepipes, ao volu-



AS MIL ENCARNAÇÕES DO DIABO NAS TENTACÕES DE UM JUNCO
(Quadro de Breughel — Século XVI)

ptuoso com mulheres, ao ambicioso com thesouros. Na sexta-feira santa, o diabo encontra Falstaff, cujas guelhas estão sempre secas e cujo ventre obeso está perpetuamente faminto. Tira debaixo da capa uma garrafa poeirenta e uma loura perna de cação.

Falstaff aceita, jubiloso, desfaz-se em agradecimentos e só muito tarde comprehende que por essa gotta de vinho e essa coxa de frango perdeu a alma... N'este caso, a lenda é transparentemente baseada na embriaguez e glotonice de Falstaff. Por um principio de generalisação, censuran-

do-lhe os vícios, o povo diabo, como seu inspirador.

O diabo, personificação já menos concreta do mal, começa a ser mais um symbolo do que uma realidade. Entretanto a imaginativa popular, essencialmente objectiva, obstina-se em revesti-lo de formas materiaes. E' sobre esta teia que se bordam, com uma exuberancia pertinaz, todas as lendas, aproveitadas mais tarde pela litteratura para pôr em acção ideias de transcendente philosophia, como no *Fausto*. O elemento fantastico entra cada vez em maior dose na lenda demo-



O PALADINO ROGERIO NO MEIO DOS DIABOS
(Desenho de Gustavo Durá)

niaca. Nas terríveis visões do inferno, onde o diabo se entretem a cozer os peccadores em caldeirões de cobre,

entrem o pitoresco. A crença no inferno atenua-se. O diabo é apenas um feiticeiro, de que a novella italiana vai fazer, com a mais petulante das malicias e o mais aphrodisiaco desbragamento, uma figura cynica e licenciosa, que apparece nas orgias dos lispões e vai tentar as freiras nos seus cates monasticos. Prestidigitador emerito, out'ora iniciado nas leis reconditas da natureza, o diabo transtorna-se segundo a sua fantasia, ao sabôr do seu interesse. Criado sua volta um mui encantado, onde tudo, cousas e creaturas, lhe obedece. A litteratura vai servir-se d'elle largamente. Com a Renascença, o diabo principia a ser uma figura de rhetorica, uma personagem grotesca, destinada a fazer rir. As suas aventuras comicas, as suas partidas famosas são contadas como aneddotas. Um dia, em Leipzig, na companhia de Fausto, entra n'uma taberna

cheia de esturdios e goliardos, que lhe offercem de beber. — «Vinho de carroceiros para mim? Arreda para



MORISTOPHELES NA TABERNA—(Quadro de Liezen Mayer)



DANTE E VIRGILIO ASSALTIADOS PELOS DIABOS—(Desenho de G. Doré)

lá! Decm-lhe uma verruma e que cada um diga o vinho que mais lhe appetee... E diante de cada conviva abre com a verruma um furo na borda da mesa. Logo, de cada meza, como de um tonel, verte um precioso vinho: Rheno, Malvasia, Tokay. Mas, cautella! Que nem uma gotta do precioso nectar caia no chão. Um bebedo ha, porém, que entorna o copo e o vinho inflamma-se.

Todos se erguem espavoridos, insultando o feiticeiro infernal. O diabo transporta-os entho para um paiz illusorio, entre collinas plantadas de vinhas, de onde pendem,

alcance da mão, cachos de uvas louras e de côr de amethysta. Cada qual se prepara para colher os cachos ap-

de mil maneiras, consegue revesti-se de mil aspectos diversos e surprehendedentes. Na sua figura cornicabra, angu-

losa, vermelha, as varias edades e as varias civilizações objectivaram progressivamente a Tentação, a Voluptuosidade, a ancia do ouro que dominou pela alchimia os espiritos fortes e os espiritos fracos. Foi o diabo que tentou Santo Antão eremita mostrando-lhe os seios nus das mais lindas mulheres; era o diabo ainda que apparecia a Nostradamus durante as suas congeminções astrológicas; era sempre o diabo que invadia subrepticamente os conventos de freiras de Portugal, durante o periodo obscuro da idade media, para incitar as pobres reclusas nos mysterios da tentação da carne. Mas, coisa curiosa: a litteratura de todos os paizes, na França galante como na Hespanha devota, na Germania nevoenta como no Portugal lendario, foi sempre implacavel para essa figura annual tão sympathica do diabo medievo. Gil Vicente foi sem duvida quem menos o poupou. O diabo das suas tragicomedias e das suas obras de devoção não passa de um panto-mimeiro vulgar, que se dá ás vezes ao luxo transcendente de sustentar dialogos metaphysicos com os anjos e os seraphims. No *Auto da Feira* é um bufarinhico parlapiatão, pregando alto como um frade goliardo ou um cego de folhinhas, fazendo



UMA DISPUTA CONJUGAL
(Gravura de Van Mechtel, século XVI)

petitosos, mas, querendo apanhar as uvas, são os narizes uns dos outros a que se agarram. N'esta altura, o diabo dá-se por satisfeito e abala em gargalhadas estridentes. Os espectadores de S. Carlos conhecem a scena, embora modificada, da *Damnation de Fausto*. Berlioz substituiu apenas a farça dos narizes pelas maravilhas musicas e coreographicas do bailado dos sylphos.

Favorecido pelo seu poder magico, o diabo transfigura-se



A TENTACÃO DE SANTO ANTÃO
(Quadro de Teniers)

negocio e dizendo inconveniencias irreverentes a Roma:

.....
Eu vendo perfumaduras
Que pondo-as sobre o umbigo
Se salvão as creaturas.
As vezes vendo vizotas,
E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacerdotes
Atrenguem todo o dia
E joguem té os pelletes.
Vendo-vos hei n'esta feira
Mentiras vinte e tres mil,
Todas de nova maneira,
Cada huma tão sotil
Que não vivas em canceira:
Mentiras para senhores,
Mentiras para senhoras,
Mentiras para os amores,
Mentiras que a todas horas
Vos nascam d'ellas favores).

No *Auto da Barca* é uma especie de compadre de revista do anno commentando as caricaturas que vão chegando, — a *Alcovelira*, o *Parvo*, o *Enforcado*, o *Frade brigão*. Diz uma chulaça a cada um e no intervallo philosopha transcendentemente com um anjo de tunica luminosa e inconsutil, que dirige a barca celeste. Nenhum d'estes diabos é sombrio, obscuro, fatidico; são todos, pelo contrario, excellentes pessoas, com uma bonhomia que deixaria invejas ao Zé Povinho de Raphael Bordallo. Enquanto os pintores gothicos se esforçavam, com muita phantasia e sem perspectiva nenhuma, a convencer-nos de que o inferno era uma



A PRIMEIRA APARIÇÃO DO DIABO
AO LOUTOR FAUNTO

(Quadro de Jean-Paul Laurens)

instituição sobrenatural, necessariamente horrivel, onde sobre o lodo, o sangue e as brazas cabiam purpuras prelatias e corças reaes, e onde nas chaminas se purificavam as almas contaminadas da Tentação e do Crime. — os poetas, com uma bonhomia singular, encolhiam os hombros, mettiam a ridiculo o diabo e a sua côrte, e faziam-no descer ás proporções sympathicas d'um trulo celeste, afinal de contas muito mais divertido do que o proprio Deus. — o sangrento e vingativo Deus do dogma catholico. E' bem certo que o diabo não é tão feio como o pintam: era já essa, de resto, a opinião das ranciscanas do convento

de Jesus de Setubal e das menores da Conceição de Beja, que nas suas memorias e nas suas confissões affirmavam frequentes vezes que um demonio muito agradável, de barbas e bigode, lhes viera fazer coegas, de noite, antes da hora das matinas... Lá diz o garotissimo Diabo do *Ano da Feira*, de Gil Vicente:

-E se uma doce freira
Vem á feira
Para comprar um unguento
Com que vae do convento,
Senhor, inda que eu não queira,
Hei de dar-lhe aviamento!



O DIABO CARREGADO DE TRESOURAS
(Estampa do século XVII)



CARLOS LEAL

A SEVERA

PALMYRA TORRES

Peça em 4 actos do sr. Julio Dantas, representada na noite de 22 de janeiro no theatro Principe Real.

NENHUMA obra do contemporaneo theatro portuguez obteve a consagração de cinco interpretes quasi successivas, como esta peça corajosa, exemplar unico no seu genero entre nós, que o Principe Real acaba de dar ainda em *reprise*, com o exito de uma primeira representação.

Chegará tarde a *Illustração Portuguesa* para analysar e discutir uma obra que seis annos de representações quasi ininterruptas em Portugal e no Brazil definitivamente consagraram. N'este curto periodo de seis annos, cinco actrizes portuguezas—Angela Pinto, Adelina Abranches, Maria Falção, Emilia de Oliveira e agora Palmyra Torres,—tentaram resurgir a romantica figura da amante do conde de Vimioso, que Julio Dantas, com essa audacia que devia valer-

lhe a assistencia calorosa dos novos e só lhe trouxe a sua hostilidade inoffensiva, levou das alforjas da Mouraria para o palco do mais elegante theatro de Lisboa. D'esta vez ainda a sensua! e dramatica figura não encontrou no grande talento de Palmyra Torres uma interprete modelar. Mas seria injustiça não reconhecer no seu laborioso trabalho de actriz o mais intelligente e arduo esforço que de ha muito nobilita a scena portugueza.

Quando outros motivos não houvesse para encarecer o commettimento da empreeza do Principe Real em pôr em scena a obra magistral de Julio Dantas, bastaria a revelação de Carlos Leal, como um grande actor, no papel de *Custodia*, para fazer d'esta *reprise* um acontecimento theatral importantissimo.



A SCENA FINAL DO 3.º ACTO

A Severa para *Maria Inês*:—«Anda, meu covardão, anda bater na Custodia.....»



A TUNA ACADEMICA DE LISBOA



OS ESTUDANTES PRECIDENTES AS TUNAS, A CARINHA DO CEMETERIO



OS PORTA-ESTANDARTES DAS TUNAS DO LYCEU DO INSTITUTO E DA ESCOLA POLYTECHNICA

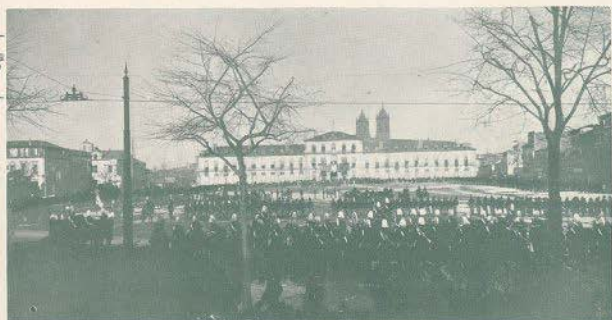


A COMPAHIA DO URSINO



A COMPAHIA DO CORTADO

A MANIFESTAÇÃO ACADEMICA EM MEMORIA DO DR. ALYDIO AMADO



A CERIMONIA DO JURAMENTO DE BANDIRAS NO DIA 25

1—A MISSA CAMPAL EM YDEU (clichê do sr. Francisco d'Albergaria), 2, 3 E 4—A MISSA CAMPAL NO PORTO, O ESTADO-JAÍDI,
AS SALVAS DE ARTILHARIA (clichê do sr. Ayrelio da Piz dos Reis)



A CABEÇA DO VELHO
PENEDO À MARGEM DO RIO DOURO, ENTRE AS ESTAÇÕES DE UIVÃO E ERMIDA
(Cliché do ex.^{mo} sr. Alberto Marçal Brandão)



IV

PALMYRA TORRES

Palmyra Torres não sabe porque é actriz. Foi para o theatro impellido por um instincto, representou levada por um desejo vago de conseguir um fim que a sua psychologia simples de rapariguinha não sabia explicar. Representou e admirou-se do que fez; não esperava tanto, mas encheu-se

de meao pelo que viria a fazer de futuro se continuasse. E não continuou logo. Não sabia então reconhecer, nem lhe reconheciam os que a viam a inclinação evidente que mostrava para a scena n'esses impulsos mysteriosos tolhidos por loucos receios, d'esses mesmos receios que dão o estimulo e a coragem e que fazem os artistas. Tinha já o sonho d'arte e a paixão pelo theatro. Não pensava contudo, quando ensaiava comediinhas em familia, não sonhava sequer quando veio representar em publico, que um dia a sua vida seria nos palcos. Entonteciam-na as riballas e as plateias, arripiavam-na as ideias de caracterisações gordurosas, faziam-lhe terror as lembranças de ensaios monotonos e fatigantes, com reprehensões severas de ensaiadores exigentes: temia o theatro. Assim Palmyra Torres, que hoje nos apparece uma actriz, não caminhou para o theatro, buscou-o theatro a ella. Não se fez com aquelles que sobem ao plano da mediocridade por teimosia de seguirem para onde a vocação os não leva. Surgiu nos palcos «porque tinha de ser», não sabe porque... Processos de representar não tem, nunca os teve, nem buscou por «drucos» o applauso. O processo que tinha quando começava é o que conserva: — sente. O estudo e o desenvolvimento tem evidentemente completado essa primária qualidade dando-lhe as minucias labyrinticas da execução. Mas o melhor do seu trabalho vem-lhe sempre d'alma, sae-lhe intuitivo. Na scena desconhece-se. E' como se um desdobraimento de personalidade se tivesse dado, largando a sua e tomando a da personagem que interpreta. Surgem-lhe detalhes eua que nunca pensou, forças emotivas que não conseguira mesmo nos ensaios. Desde que o panno sobe sobre qualquer peça que represente, entra na sua figura, vive-a, quando falla, emquanto está em scena, nos interva los, sempre, esquecendo tudo o mais, até que termine a acção no ultimo acto.

O SEU DEBUTE NO «PARALYTICO» O «CALHOU» DE ANTONIO PEDRO O NOTAS ESPIRITUAES, O BALZAC ENCADENADO EM PONSON E RICHEBOURG O EM REGUENGOS O HISTORIA DE UMA NOITE TRAGICA O A ENTRADA DE PALMYRA NO THEATRO DO GYMNASIO

Foi na altura dos seus 15 annos que Palmyra Torres representou pela primeira vez para o publico. Tratava-se de uma recita de caridade no theatro da Avenida, em favor de um pobre operario doente, e não resistiu ao pedido que lhe fizeram de tomar á sua conta um papel do *Paralytico*. Receiava um insuccesso, mas a familia, oppondo-se, estimulou-a e fez d'ella, definitivamente, uma actriz.

Os ensaios custavam-lhe, mas a ideia animava-a, e pouco a pouco foi apren-

endendo o seu papel com alternativas de esperanza e desalento.

Na noite do espectáculo, quando sahiu do camarim ao ultimo toque da campainha, ia desorientada,



PALMYRA TORRES NOS «DOIS GAROTOS»

a voz tremia-lhe, sentindo a garganta presa pela commoção forte que a tomava toda. Ao entrar em scena olhou, antes de mais, a platéa, o theatro todo, e na perturbação enorme em que estava não viu nada a principio; depois, no decorrer de segundos, afiguraram-se-lhe densas nuvens de fumo descendo do alto sobre um mar de cabeças. Martelou-lhe então nos ouvidos a *deixa* e n'uma subita mudança entrou a representar desreocupadamente, surprehendida do que fazia, sem lhe importarem os milhares de olhos que lhe caíam em cima.

—Ao terminar a peça, disseram-lhe que tinha agradado muito.

—Foi um acaso!—respondeu, enleada n'um pensamento indeciso.

Mas ao outro dia, em casa, ao despertar, cõria de confusão, recordando-se, como se esses tantos olhos que a tinham visto estivessem ali a censurá-la, achando-a *ganchete*...

Vinham-lhe todos os recios do desastre que não succedera:

—Muito mal devo ter ido!

E não tornou a representar tão cedo.

Lia então, lia muito, e obras boas. Adorava o Julio Diniz, encimavam-na certas delicadezas de Bourget e já não lhe desagradava Balzac.

A familia é que não lhe levava muito a bem leituras que não fossem do seu conhecimento, como as de Richebourg, Montepin, ou Pousson da Terrail. Palmyra valia-se então de um interessante e malicioso expediente para satisfazer as exigencias do seu espirito. Arrancava a capa de um livro do que lhe davam e metia-lhe dentro brochuras dos seus auctores predilectos.

Por esse tempo entrou a emagrecer muito, os nervos sobresaltavam-na, dormia pouco. Com a anémia, chegava-lhe um tedio immenso por tudo, sentindo imperiosamente um desejo espiritual que não comprehendia nem podia precisar.

Ao cabo de dois mezes de doença dizia o medico aos que a rodeavam:

—Levem-na para a provincia, que eu não tenho coragem de a ver morrer!

Em Reguengos, na vida ingenua e socegada da provincia, foi pouco a pouco avigorando, ficando-lhe apenas do mal como que uns assomos de neurasthenia. Estava então, é verdade, no periodo romantico.

Só queria sair de noite, muito tarde, passear nas estradas salubrentas plantadas de eucalyptos.

Os dias, com o calor suffocante do verão, no Alentejo, passava-os n'uma molleza doentia, até que uma alegria viva a veio melhorar, apressando a volta da saude.

Formára-se na villa um grupo de amadores e fôra convidada para representar. O terror que lhe faziam as platéas desaparecia ali deante das quatro ou cinco familias conhecidas que a viam. Representar assim era um prazer até...

Passava então os dias, as semanas, ensaiando peças para uma recita que nunca chegava por mil contratempos. Mas os ensaios que fossem, distrahiam-na.

Uma noite, depois de finalmente representado o celebre drama tão cançado de ensaios, appeteceu-lhe um dos passeios costumados pela estrada fóra. Foi todo o grupo, um rancho algazarreiro de raparigas e rapazes. A noite estava clara e tinham levado bandolins e guitarras.

Palmyra, para sentir uma impressão nova, afastou-se em certa altura, foi ouvir de longe, isolada, os fados tristes que tocavam.

Proximo, ficava o cemiterio da povoação, com os seus cyprestes muito verdes, ramalhando, debruçados do muro caiado de branco.

Subitamente chegou-lhe aos ouvidos um nivo de dôr, um gemido prolongado de alguém que sofria. Escutou impressionada, ouviu mais nitidamente e, livida de terror, apavorada, gritou.

Acudiram.

«O velho ensaiador do grupo, velho subichão, vendo-a levantada n'uma attitude theatral, imprimindo a todos a sensação do medo sem uma palavra, resmungou:

—Que grande actriz!

A pouca distancia foi encontrado um pobre camponex com um ataque epileptico.

Palmyra lembrou-se então pela primeira vez que, se um dia conseguisse sentir assim com tanta verdade de no theatro, podia effectivamente vir a ser uma grande actriz.

No fim d'esse verão partiu para Lisboa. Mezes depois, fazendo um drama n'um beneficio qualquer. Joaquim de Almeida, que assistia, encontrou-lhe qualidades, aconselhou o Pinto a ir vê-la e contractá-la para o Gymnasio.

O Pinto esperou a occasião, viu-a, gostou e propoz-lhe escriptura.

O COMEÇO DA SUA CARRIEIRA ◊ UMA PHRASE DE JOÃO ROSA ◊ A «TOURNÉE» DE JOAQUIM D'ALMEIDA ◊ O «SALTIMBANCO» ◊ UM SONHO DESPREITO POR UM INCENDIO ◊ NO BOM JESUS EM BRAGA ◊ UMA GENTILEZA DO SR. GUALDINO GOMES

No Gymnasio, estando quasi a findar a epocha, deram apenas a Palmyra Torres um papelito no *Salta-pociúbas*.



O ÚLTIMO RETRATO DE PALMYRA TORRES

O verão estava em começo e Joaquim d'Almeida pensou n'uma tournée pelas provincias depois de algumas recitas no D. Amelia com a sua *troupe* de artistas de diversos theatros.

Foi feliz ideia, porque o *Papa Lebonard* fez successo dando-lhe publico para outros espectaculos com *Os Amantes*, em que Palmyra Torres fazia uma ingenhasinha. Tinha comtudo — seria para admirar que não tivesse — hesitações no trabalho, por tener demasiado as platéas ainda mal suas conhecidas.

De uma noite que representava *Os Amantes* e já mais cheia de confiança, Palmyra Torres guarda a lembrança da mais desoladora impressão recebida em toda a sua vida artistica.

João Rosa, o velho e grande actor que assistira ao espectáculo, dizia depois, pondo a mão no hombro de Joaquim d'Almeida, torcendo a bocca n'um geito de desagrado, apontando-a, cortando-lhe a alma:

— Esta pequena não devia piar!

Mas Joaquim d'Almeida, sacudindo a cabeça, retroquia-lhe confiante:

— Sim?... Pois ha de ser uma artista. Não de vê-la!

Turaram depois para Vizeu, onde o *Saltimbanco* agralou e onde Palmyra Torres foi notada logo pelo bom e tropeço dr. Valle, critico da terra, respeitado por todos.

Mas as alegrias quasi infantis que lhe vinham de um successosinho eram sempre quebradas por immediatas insignificancias que a contrariavam — e assim se debatia entre esperanças e medos.



PALMYRA TORRES E O SEU COMPARTIMENTO

Já o *Saltimbanco* não lhe custava, visto o agrado com que a tinham acolhido, quando um equivooco, porventura uma maldadesinha de outra interprete, deu origem a uma queda do seu trabalho. Esta curiosa nota é a que melhor dá o seu temperamento, a sua maneira vivida de representar.

O caso deu-se na altura da peça em que a ingenha, n'uma grande e difficil simplicidade, despreocupada, descreve um sonho que teve.

Palmyra, n'esse ponto, notou que outra interprete da peça aspirava com força o ar em todas as direcções, fazendo os moveis, olhando assistada para fóra da scena. Lembrou-lhe logo um incendio e, transformando-se, saindo fóra da simplicidade da personagem, perdeu toda a intensidade, todo o relevo da descripção do sonho, deixando-o morrer, insipidamente.

Depois de esgotado o repertorio em Vizeu, a companhia seguiu para o Porto, d'onde jomadeou para Braga.

Foi n'uma qualquer estação entre o Porto e Braga



PALMYRA NO «TEMPLO DE SALOMÃO»



PALMYRA NO «TEMPLO DE SALOMÃO»



PALMYRA TORRES AOS 21 ANOS



PALMYRA TORRES AOS 23 ANOS

no fim do espectáculo cumprimentava-a pela naturalidade e boa dicção que lhe notára.

Joaquim d'Almeida, que apparecia entretanto, convidava logo o amigo Gualdino para uma passeata na manhã seguinte ao Bom Jesus, para aproveitar o dia livre de ensaios.

Foram de manhãzinha, cançaram-se de passear. Palmyra, sentada na sombra d'uma magnolia, lembrou a delicia que não seria um almoço ali, por aquella esplendida manhã. O sr. Gualdino Gomes cravou o monoculo para pensar e não ouviu que o chamavam para continuar a subida. Mas, quando voltaram de cima, encontraram-no com dois camponeses disposto sobre a relva um almoço fresco e appetitoso, na simplicidade e asseio com que se mostrava.

E assim se lhe apresentou, *tenivel*, espirituoso, moço e gentil como o ha de ser sempre, o sr. Gualdino Gomes.

NO GYMNASIO DO THEATRO MODERNO A
ESTAPE ACTUAL SA PRITICEIRA
OS DOIS GAROTOS
O TEMPO DE SALOMÃO
OS ALEMITJANOS
A SEVERA

A estada de Palmyra Torres no Gymnasio durante alguns annos, se a prejudicou, demorando o seu apparecimento ao publico como artista, deu-lhe todavia uma força poderosa de elementos, com o estudo persistente a que se entregou.

Poderia certamente ter começado antes, mas re-

geit'u propostas que lhe fizeram, uma das quaes para D. Maria, com o receio que tinha ainda de si mesma.

Assim, quando depois d'esse curto periodo do *Teatro Moderno* em que teve uma criação admiravel no *Quinto Mandamento*, appareceu esta epoca a representar drama no Principe Real, mostrou-se segura e definitivamente como artista de valor.

A *Feliceira* foi a primeira peça em que tomou parte n'uma rabulasia, que levantou a uma grande figura. Seguiram-se *Os Dois Garotos*, teve um ty-

pos novo, conseguiu talvez o que anteriores interpretes não tivessem feito — dar a psychologia difficil do garoto como o autor o viu. No *Templo de Salomão*, o papel violentamente dramatico que lhe coube desempenhou-o com folego. Compreendeu-o. Fez arte, deitou-lhe sentimento e agradou assim ao publico especial do theatro, satisfazendo os exigentes a par. A sua malleabilidade acaba agora de a mostrar na figurinha interessante e viva dos *Alemitjanos*.

Mas é na *Severa* que o seu trabalho cresce sobre todos os outros, pelo grande esforço para adaptar a sua forma de sentir ao feito complicado da sentimental fadista. E' nova tambem a sua interpretação e extraordinariamente bem calculada e conseguida. A cigana destemida e ardente nos destrambelhamentos a que o sangue apimentado a levava de impulso deve ter sido contudo uma artista no fundo, porque o sentimento estranho dos seus fados não podia vir



PALMYRA TORRES NO «TEMPO DE SALOMÃO»



PALMYRA TORRES NA «SEVERA»

1914



PALMYRA TORRES NA «FRITICEIRAS»



PALMYRA TORRES NA «FRITICEIRAS»

simplesmente d'esse pedaço de coração que fica sempre n'essas que vendem tudo o mais.

E depois, na peça, aquella amizade pura com que vê e quer ao *Custodia* dá-lhe traços de grande sentimentalidade. A *Severa* não é uma desgraçada das que se topan a cada passo, não é uma estúrdia vulgar.

Assim viu Palmyra Torres a figura, assim a deus, com alma, com talento, tudo trabalho, avaramente seu, detalhes e observações suas.

Se não lhe deu bem toda a linha desgraçada que ainda na tradição da *Severa* pelas affurjas da Mouraria; se não conseguiu com irreprehensão um geito acanhado e reles no chupar de uma ponta de cigarro; se lhe faltou um tudo nadinha de feitos para tirar da liga a navalha: tudo isto, — longe de lhe trazer o dissabor de não ter dado com verdade a personagem, — mostra a delicadeza do seu temperamento artistico, elevando-a muito.

Comprehendeu admiravelmente o papel e de tanto o estudar veio a senti-lo porque a interpretação intelligente d'elle não lhe repugnava.

Não ha confrontos a estabelecer, Palmyra viu a *Severa* como ella se lhe levantava na imaginação pelas rubricas do auctor, representou-a assim. E' esta a mais apreciavel qualidade d'uma actriz.

E agora, para remate d'estas notas que deixo mal costuradas:

Aquella idéa subita que lhe passou pelo cerebro na noite tragica em Reguengos, após a galhofa do velho ensaiador, vae-se materializando nas suas creações.

O seu logar, hoje, por direito, é no nosso primeiro theatro.

Palmyra Torres vae conseguindo a realisação do seu sonho d'Arte, caminhando trabalhosamente, em busca da Verdade, pelo trilho aspero por onde subiu a Duse, a divina Duse que ella adora.



PALMYRA TORRES AOS 16 ANOS

URBANO RODRIGUEZ.

COMO VIAJAVAM E PASSEAVAM OS NOSSOS AVÓS

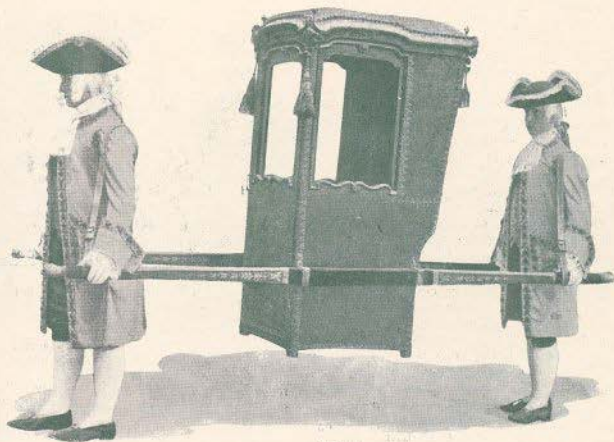


Commodamente deitados no leito delicioso de um *sleeping* ou recostados nas almofadas de couro d'uma Peugeot ou d'uma Dion Bouton, —o que é a civilização!

— nós não fazemos hoje, no pleno alvorecer do século XX, a minima idéa dos supplicios horribéis que uma viagem mais longa representava para os nossos avós. O *touriste* de hoje, que atravessa o mundo na vertigem das grandes velocidades, rapidamente, confortavelmente, embrulhado no seu casaco de pelles ou no seu *carrick* inglez, está longe de sup pôr, de phantasiar sequer, os tormentos inverosíméis das grandes viagens dos seculos XVII, XVIII e XIX, nas «estufas» hespanholas de corréos ou nas velhas e fidalgas liteiras de machos, nas seges bamboleantes de 1820 ou nas mala-postas infernaes de 1860. Para os nossos avós, uma viagem era alguma coisa de muito semelhante a uma calamidade. Ir do Porto a Lisboa,

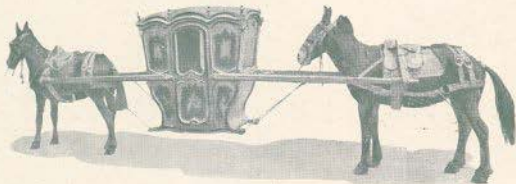
ou de Braga a Vizeu, representava um acontecimento na vida d'um homem. Todo o bom provinciano do seculo XVIII que viajava, n'este sagrado recanto de Portugal, chamava o padre para o confessar á partida e o barbeiro para o sangrar á chegada. Uma jornada era uma doença. Um côche ou uma estufa de couro pregado dançando aos tropeções sobre umas rodas enormes; uma liteira sacudida pelo passo desencontrado dos machos; uma diligencia aos solavancos pelo empedrado velho d'um caminho, — calcule-se como poriam os ossos nobilíssimos e as tripas venerandas dos nossos avós, durante dias e dias, noites e noites, através montes e valles, córregos e estradas! E além d'isso, quanto tempo, quantas mudas de cavaladuras, quantos perigos debaixo dos pés, quantos incidentes desagradáveis augmentavam ainda o horror das viagens primitivas, fôsse em liteira ou em estufa, em diligencia ou em mala-posta, em sege ou em traquitana! Chegado ao extremo da jornada, o viajante precisava pelo menos de oito dias de cama, quando não tinha a felicidade suprema de dar a alma a Deus no meio do caminho, — que ainda era a melhor cousa que lhe podia acontecer.

E depois, viajar com uma filha, com uma esposa, com uma irmã, era um duplo supplicio:



Uma cadeirinha, no século XVIII

uma menina que fazia uma jornada de liteira ficava desde logo conhecendo todos os palavrões da língua portugueza, toda a giria eguariça, unica forma de expressão susceptível de estabelecer o entendimento entre liteiros e machos, além da forma pratica, trazeira e eloquente, — do coice.



A liteira do século XVII

De forma que um desgraçado que cahia na asneira de viajar com a familia chegava ao ponto desejado — quando chegava... — com os ouvidos atordoados das guizeiras, a cabeça em agua, as costellas partidas, o estomago em ancias, as tripas n'um mólho, o chapéu n'um figo, — e a mulher e as filhas, perfeitamente desmoralizadas, a repetirem-lhe em casa o calão dos azeméis, dos liteiros e dos almocreves. E ainda ha quem diga, depois d'isto, que a commodidade dos *wagons-leitos* é uma commodidade theorica, e que uma *pauze* de automovel, no meio d'uma estrada, é um desastre que só se liquida pelo suicidio! Ingratos, — exclamaria o conselheiro Accacio, — que não entendem a civilisação!

Contar como viavavam os nossos avós, — o mesmo é que escrever um negro e immenso martyriologio. Hoje em dia, que o bom burguez pôde almoçar no Porto e vir jantar commodamente a Lisboa, é que se comprehende bem o horror d'esses instrumentos de tortura deambulatoria que foram, atravez os tempos, a sella, a liteira, as andas, o carro de bois, o coche, a estufa, a sége, a diligencia, a mala-posta. Evocar as velhas épocas em que semelhantes monstros de incommodidade povoavam as estradas de Portugal, deve ser hoje sobretudo interessante para os *mangeurs de kilomètres* como o dr. Augusto de Vasconcellos, que n'uma *voiturette* Dion-Bouton fez quasi o prodigio de ir a Paris de manhã... e voltar á tarde. O que existiu entre a sella primitiva e o automovel moderno? Que instrumentos de supplicio inventou o homem, no decorrer dos tempos, para causticar o seu semelhante na dura contingencia d'uma viagem? De que immensos monstros de varas e de rodas se compõe a archeologia do *tourismo* atravez os seculos?

A principio, no primeiro alvorecer da monarchia, e d'ahi até ao fim da Edade-Media, quasi todas as viagens se faziam em dorso de animal. A sella era o verdadeiro meio de transporte. Não admira que todos os cuidados d'arte e de commodidade relativa conver-

gissem para ella. No reinado de Affonso III uma sella gallega com peitoral doirado custava quinze libras: «*et melior sella gallega orpellata cum pectorali deaurato et cum arricanes valeat quindecim libras*» (*Portugalia Monumenta*, Leges, 104). Era vulgar recobrirem-nas de tapeçarias e estofos preciosos,

às vezes pesados de joias e tecidos d'oiro, a que chamavam no tempo «*sitaras*», — e que attenuavam a aspereza do couro e do ferro. N'um poema hespanhol anterior ao seculo XV, a *Vila de Santa Oria*, por mestre Gonçalo de Berçêo, diz o piedoso poeta descrevendo a sella onde ia a santa: «*Veda sobre la siella muy rica*

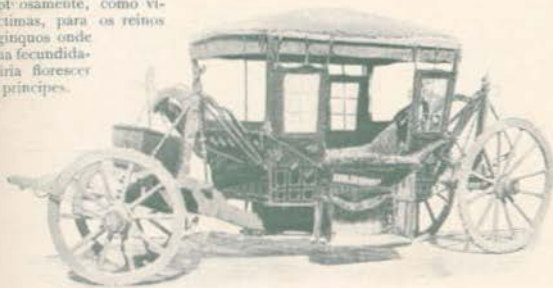
acitara». D. Sancho I de Portugal tinha tapeçarias magnificas de sobre-sella de que, pelo seu testamento, mandou fazer paramentos sagrados, deixando a varias egrejas e mosteiros «*omnes alcotas, acitaras et colchias*» (Prov. da *Hist. geneal*, I, testam). Havia, além da «sella gallega», a «sella de troixas», a que se referem os degredos de Affonso III, a «sella do Levante», ou «sella mourisca», que mereceu largas referencias a el-rei D. Duarte na sua *Arte de Cavalgar*. Homens e mulheres viavavam a cavallo, — em hacaneas, em facas, em palafrens, em eguas mansas. Foi sobre o dorso d'um cavallo, «*nua em camisa*», que D. Méca Lopes fugiu alta noite do Castello de Coimbra, nos braços de Raymond de Portocarrero, enquanto o rei dormia socegado-mente na sua camara. Era sobre ricas sellas



A *vinaigrette*, especie de cadeirinha rodada muito usada na segunda metade do seculo XVIII

recobertas de tapeçarias, de «*coudras*» e de «*plumassos*», forquilhadas e com o pé direito na estribeira d'ouro, que as pobres princezas noivas caminhavam de casa de seus

paes, lentamente, sumptuosamente, como victimas, para os reinos longinquos onde a sua fecundidade de iria florescer em principes.



O coche de Philippe II — O primeiro que entrou em Portugal; typo da «estufa» de viagem

Mas a sella era naturalmente incommoda para as grandes viagens, — e perigosa sobretudo para velhos, mulheres e creanças. Foi necessario adaptar-lhe cadeirinhas, coxins, ou leitos curtos estendidos sobre dois animaes que caminhavam a par: eram as *andas*. Esta forma de transporte, caracterisadamente portugueza, foi durante longo tempo a preferida nas grandes jornadas medievas, — e mesmo depois, mais tarde, com D. João II, D. Manuel e D. Sebastião. As

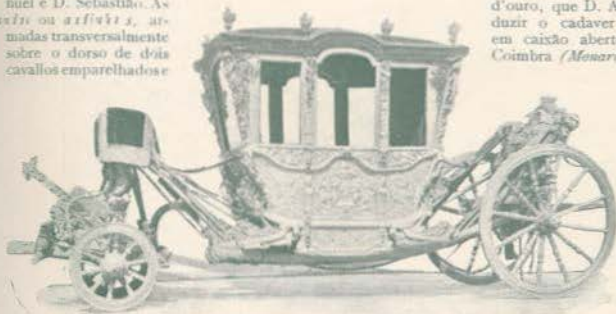
andas ou *galfões*, armadas transversalmente sobre o dorso de dois cavallos emparelhados e



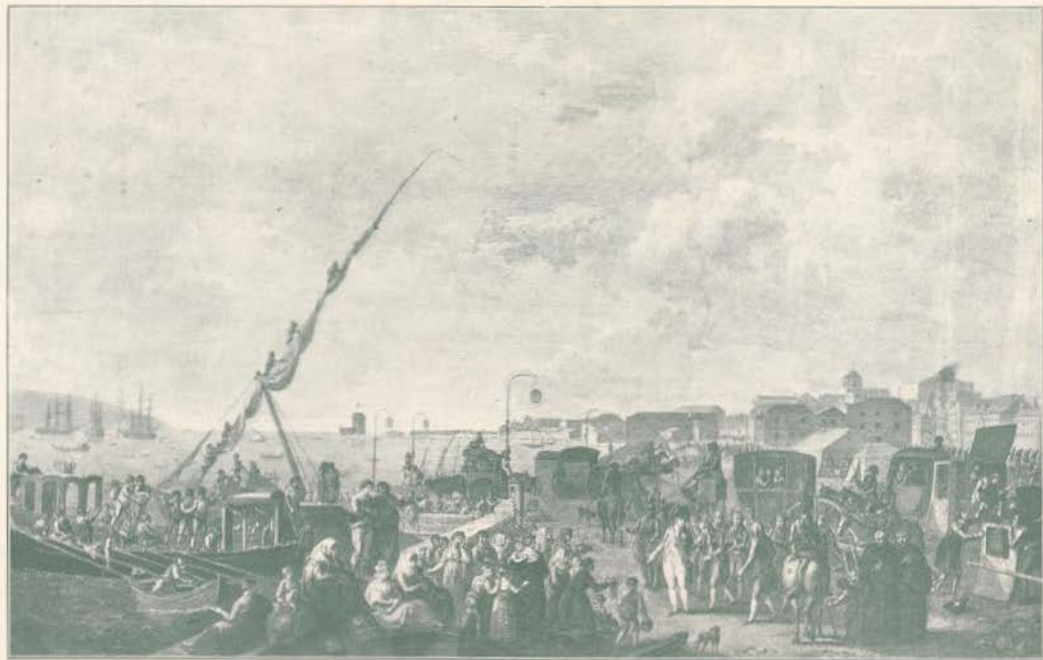
Berlinda de D. Pedro II

d'ouro, que D. Afonso IV fez conduzir o cadaver de Santa Isabel, em caixão aberto, de Estremoz a Coimbra (*Monarch. Lusit.*, Lenda, parte VI, 523).

Foi assim tambem, pela noite, sobre dois cavallos gualdrapados de negro, entre filhas immensas de brandes accesos, que os ultimos desposos de D. João I foram transportados de Lisboa á Batalha, seguidos de bispos e de ab-



Coche de D. Marianna Victoria, trazido para Portugal como pertença nupcial d'esta rainha





Carrinhos de arruar, usados pelas infantas, filhas de D. Maria I nos passeios pelas Quintas

badés bentos, de cleresia e de povo cantando o *Miserere* (Ruy de Pina, *Chr. de D. Duarte*, cap. IV). As *andas* conduziam igualmente os mortos e os vivos, — comtanto que fossem nobres e «filhos d'algos». Era um meio de transporte essencialmente aristocratico e sumptuoso. A plebe, essa, tinha o carro de bois, e tinha, quando muito, — a liteira.

A liteira! E dizer-se que esta reliquia dos velhos tempos, este résto patriarcal d'uma antiga grandeza chegou quasi até aos nossos dias! Dizer-se que essa velha amiga dos fidalgos pobres, com os seus varaes possantes e compridos, o seu tejadilho abaulado, os seus machos, as suas guiseiras, as suas portinhas amoriadas e douradas e o seu persevão de tapete, havia de atravessar imperturbavel seculos e seculos, vêr surgir os coches, as berlindas, os florões, as estufas, deixal-os morrer, desaparecer, perder-se, — e perdurar ainda, roneira, humilde, no passinho meudo dos seus machos, até ao adeus sentido e saudoso que lhe disse Camillo nas paginas d'um livro admiravel! E, entretanto, assim foi. Passaram as estufas que Philippe II trouxera; foram-se as sumptuosas berlindas mandadas pintar por D. João V e por D. José; desapareceram os estufas e florões dourados que no seculo XVIII faziam a volta ao Rocio, com as sécias empennachadas de rosiclères e as «franças-toucadas d'amarelo; tudo passou, tudo se perdeu na aza do tempo, — só a liteira continuou povoando as estradas de Portugal, se não já a soberba liteira fidalga, pelo menos a modesta liteira d'alquilaria, com os seus dois machos possan-

tes, as suas cincoenta esquilas de cobre, os seus postigos estreitos encaixilhados em chumbo. Para a destruir de vez foi necessario o poder formidavel da locomotiva: então sim, — a velha reliquia de sete seculos curvou-se, reconheceu a sua fraqueza, disse adeus ao sol das estradas, ao perfume silvestre dos córregos floridos, ás proprias ladeiras pedregosas que ella subira interemeratamente na ponta da ferradura gloriosa dos seus machos, e, para todo o sempre, — desapareceu.

Mas se a liteira é velha como a monarchia, — o coche, pelo contrario, é relativamente moderno. A primeira era uma obra de utilidade; o segundo uma obra de sumptuosidade. A liteira, suspensa dos seus varaes, com um macho adiante, outro atraz, e um liteireiro brando á ilharga, não se prestava para parada de grandezas e de elegancias. Confessemos, mesmo: era um tudo nada



O boieiro das sécias de (1820)



Estanh Luiz XV



Carro triumphal de D. João V

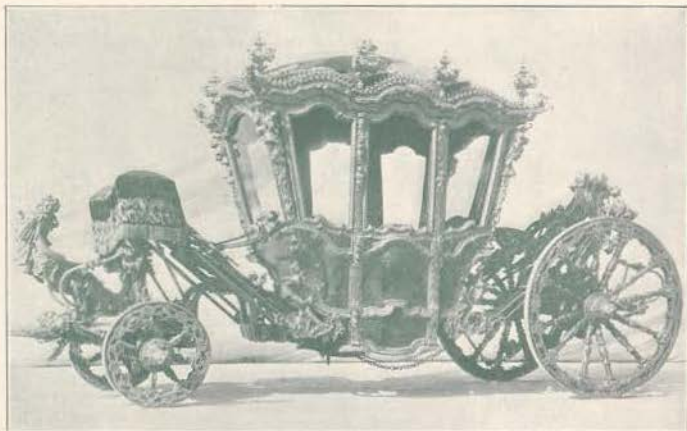
ridícula. D'ahi, a impossibilidade ou a inconveniência de alguém se servir d'ella nos prestitos reais, — nos casamentos, nas coroações, nas embaixadas, — e o velho uso portuguez de se conduzirem os reis a cavallo, nas grandes solemnidades, com a sua classica opa roçagante de brocado d'ouro drapejando as ancas do animal, e os infantes e grandes do reino ás redes e ás estribadeiras. Esse uso secular só desapareceu quando em Lisboa entraram os primeiros coches, — em 1581, por occasião da viagem de Philippe II a Portugal. Um d'esses coches pode vêr-se ainda hoje no Museu de Belem, com o seu espaldar de couro negro e pregaria, o seu tejadilho acantoadado de pinhas de ferro forjado e dourado,

fas. A sestufa era o coche de viagem, brutal, pesado, immenso, revestido de couro negro no espaldar e nos paineis para resistir á poeira das estradas, mas coberto interiormente de talha dourada e de tapeçarias sumptuosas como a camara d'um leito real (Abbadie de Castro e Sousa, *Noticia sobre alguns coches*, in *Miscellanea*). Pelo contrario, o coche propriamente dito e a berlinda faziam consistir a sua maior riqueza na decoração

os seus caracteristicos estribos de escabellos, o seu tecto forrado interiormente de talha riquissima e de espesso damasco recamado de ouro: é o n.º 2 do catalogo, e pertence ao typo de coches a que se chamava em Hespanha sestufa.



O bolleiro das segas de alquier (1840)



Coché de D. João V

exterior: eram, caracterisadamente, objectos de parade e de ostentação, estylizados, cobertos de talha dourada, entalhados e escul-



Carrinho de arruar das infantas filhas de D. Maria I

pidos pelos melhores artistas do tempo, pintados nos painéis do espaldar e das portadas, oscillando sobre correões forrados de velludo e abrochados por immensos fivellões d'ouro, erguendo os jogos trazeiro e dianteiro em primores de estylisação, e mostrando, pelos cristaes italianos dos postigos, o bocejio vermelho e sumptuoso dos persevões. São celebres, e podem vêr-se no museu, os tres coches de gala de D. João V, em cuja obra de esculptura trabalharam os entalhadores José d'Almeida, Felix Vicente e Silvestre de Faria (o entalhador da *Sala dos Serenius* de Queluz), e cujos painéis foram pinta dos pelo artista francez da escola de Watteau, Pedro Antonio Quillard, pintor de sêtes galantes; é igualmente caracteristico o coche de D. José (n.º 7 do catalogo) com pinturas de Joaquim da Costa, Gaspar José Raposo e Cyrillo Wolcknar Machado, — coche este de que o monarcha se servia frequentemente para seu uso particular; são ainda typos admiraveis, as berlindas de D. Maria I (n.º 3) e da princeza D. Maria Benedicta (n.º 20), para as quês



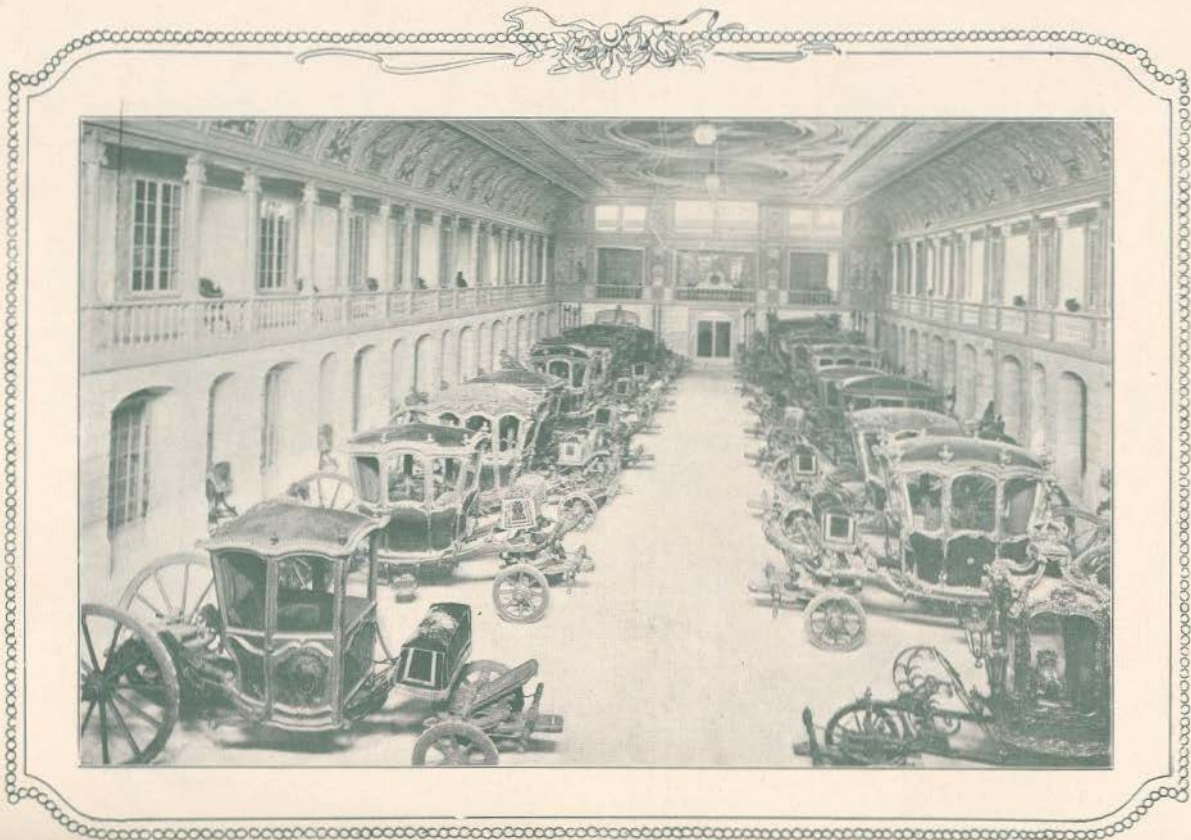
Bolleiro das séges de praça (1820)

trabalhou o grande artista portugez Pedro Alexandrino de Carvalho. Os estufas e os flo-rões, usados na segunda metade do seculo XVIII, eram pequenas estufas de viagem que tambem serviam para arruar, e pequenas berlindas douradas em que as elegantes do tempo davam as tres voltas obrigadas ao Rocio. Como não podia deixar de ser, os coches fizeram moda logo que Philippe II os introduziu em Portugal. Os duques de Bragança, de Aveiro, mandaram immediatamente construir estufas riquissimas para seu uso. Em 1640 um dos senhores da casa de Redondo offerencia a D. João IV um coche soberbo com o persevão incrustado de tartaruga e narfim, e dentro d'el'e uma rica batxella de prata. Foi o tempo das prodigalidades inauditas. A realeza, com o seu criterio avariado de economia politica, procurou desde logo remediar o mal publicando a celebre pragmática de 25 de janeiro de 1677, que prohibia não só as demasias de sumptuosidade nos coches, estufas, callejas, segeas, teiras, que não podiam ser exteriormente cobertas de nenhum genero de sedas (*Leis Extravagantes*, pag. 70,

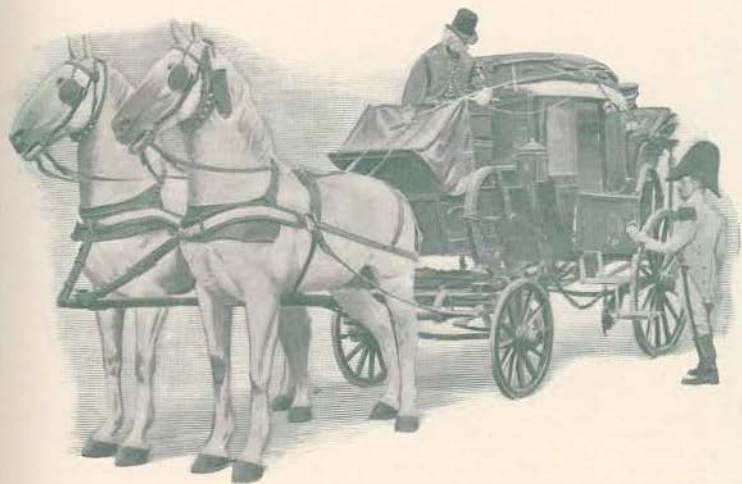
Leis Extravagantes, pag. 70,



Um passeio de coche no seculo XVII



O Museu dos coches da Casa Real, organizado por iniciativa de S. M. a Rainha Senhora D. Amélia no picaideiro do paço de Bailem



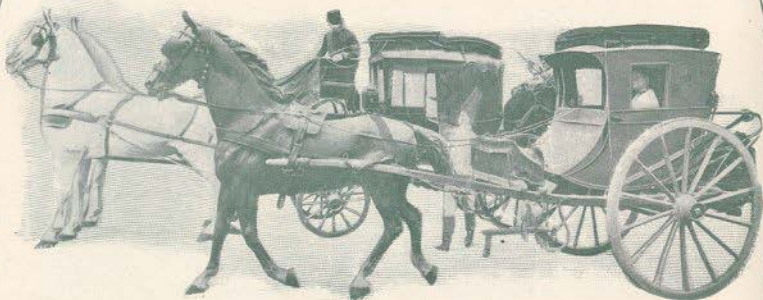
A mala posta no principio do seculo

tomo II), mas tambem toda e qualquer especie de ostentação nos funeraes, que tinham chegado, sob D. Pedro II, a um verdadeiro delirio de escandalosa magnificencia. Mais tarde, ainda se tornaram celebres os coches da casa Galveias, da

casa Villar-Mayor (Tarouca), da casa Lafões, e ainda, nos nossos dias, as berlindas de meia gala, *à housse*, do marquez de Vallada. Mas tudo isto constituia a nobreza, a aristocracia da viatura portugueza. A plébe, a meia tigela, andava de



Carruagem de meia-gala *à housse*.



Sege de posta do meado do seculo XIX

calleja, de sége, mais tarde de traquitana. A sége, cujo uso se generalizou especialmente no principio do seculo XIX, consistia n'uma caixa estreita, resguardada á frente por duas cortinas d'oleado com dois oculos de vidro, e empoleirada sobre duas grandes rodas cujos immensos tapadours faziam dançar a lama em salpicos desastrosos. Puxavam-na dois cavallos, — o da sella e o das varas; era no da sella que montava o bolieiro, um patife emerito nas batidas, com o seu typico chapéu de pelo de coelho, a sua bota á Frederica, a sua espora de latão no pé esquerdo, a sua niza de cotim ou de astrakan, a sua calça de pelle do diabo apertada á perna. Não

se calcula hoje que martyrio era uma batida para Cintra ou para o Dáfundo — as Cythéras da mocidade dourada de 1830, — n'estas caranguejolas alugadas pelo *Assemblea* ou pelo *Coqueijo*, aos tropeções sobre as pedras, em riscos de afocinhar nos oleados e dar de cara nas trazeiras dos frsões, sem ar, sem vista, sem movimentos, sem se poder abrir os braços, pedir soccorro, chamar, gritar, — tão grande era a bulha chocalhada da sege pelas ruas, tantas as pragas do bolieiro com a pita do chicote a estalar sobre o cavallo das varas! Mas o que é mau, perdura: as «seges de bandeirinhas», as «seges de boléas», atravessaram a segunda metade do seculo XVIII e a primei-



A mala-posta



A hora da missa, no século XVIII— As cadeirinhas e os coches da nobreza

na metade do século XIX, sem que tivessem a disputar-lhe as glorias tradicionais nenhum outro instrumento de supplicio deambulatorio, — a não ser a «traquitana», que outra causa não era senão uma sege de maiores dimensões, montada sobre quatro rodas enormes, em vez de duas. Foi n'estas seges incommodissimas, n'estas traquitanas bamboleantes que espirravam lama e moíam os ossos, que o galante marquez de Niza raptou bailarinas como a Collini, ainda em *maillo*t côr de rosa, e cantoras como a Jenny Olivier vestidas de marujo e de cigarro ao canto

da bocca. O que seria — Deus do céu! — se o grande marquez tivesse á sua disposição um Peugeot magnifico, ou um esplendido *coupe* inglez de pneumáticos, puxado por dois excellentes hanoverianos!

E a calleja, e a diligencia, e a mala-posta? Caranguejos da civilização, absurdos de quatro rodas, estafermos sem arte, sem commodidade, sem decorativo, — até a gente cõra de pronunciar-lhes o nome, n'esta idade d'ouro das grandes velocidades e das viagens vertiginosas!

J. D.

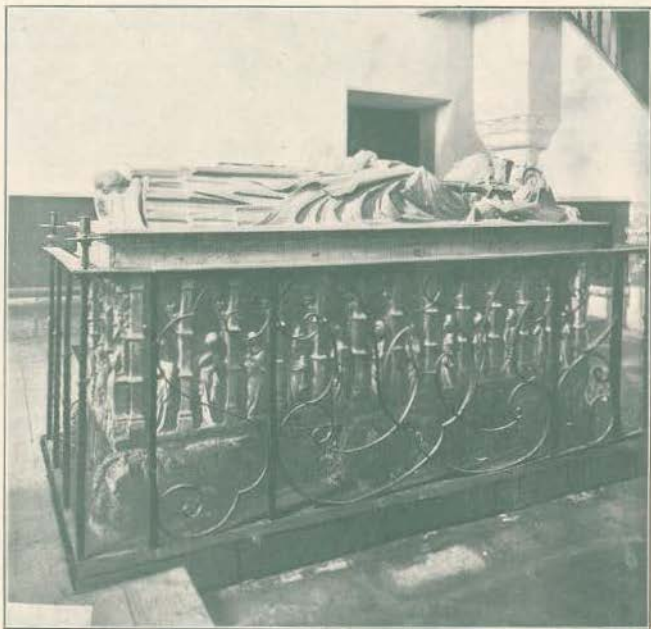


O jogo trazeiro d'un carro triumphal de D. João V

A Iconographia Funeraria em Portugal

II

O TUMULO DE D. GONÇALO PEREIRA



Mais afortunadas foram as cinzas de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, que as de seu filho D. Alvaro Gonçalves Pereira na derruida igreja da Flôr da Rosa e as de seu neto D. Nuno Alvares Pereira no cêrrocado convento do Carmo de Lisboa.

Para sua derradeira morada mandou erguer, aquelle prelado, junto do extremo nordeste da cathedral bracarense, uma capella que foi simultaneamente a homenagem votiva d'um guerreiro, pois a dedicou a *Nossa Senhora da Glória*.

E' um pequeno edificio ogival, com a frontaria singela e sobria, tendo nos vertices das empenas a conhecida cruz dos Pereiras; lateralmente, perfila-se um cubosito ameiado e definido, tambem, com siglas, que n'este logar equivale á mais expressiva divisa do armorial.

Para lhe assegurar o futuro dotou-o, o famoso primaz, com varias rendas e confiou a sua administração ao deão da Sé, comtanto que portuguez e d'origem portugueza fosse, não consentindo que ninguem mais ali se sepultasse, salvo sendo arcebispo.

Felizmente nenhuma outra figura lá jaz senão o previdente fundador.

Ao centro do recinto illuminado pelas gothicas janellas geminadas que se recortam ao fundo e proximo do altar principal, se levanta, assente em seis leões, o seu tumulo sobre que repousa a sua imagem, com a cabeça na direcção da porta, para que o celebrante a contemple, de face, ao deitar-lhe as suas benções.

Vestida de pontifical com roupagens amplas, logica e harmoniosamente dispostas em pregas unidas ou tufadas; sebastos e estola ornamentados; mitra cravejada de pedras, baculo florido e cingido ao tronco. Os pés recostam-se n'um seraphim que, d'azas distendidas, parece romper do interior para se arrebatat ás paragens infinitas e bemaventuradas do ceu; a cabeça descança em dois almofadões entre os anjos que os amparam para que se não quebre o socego sempiterno do veneravel principe da Igreja. A sua face austera tem a calma expressão d'uma força dormente e d'uma consciencia tranquilla por bem ter servido a Deus e a patria, no governo espirital do seu rebanho, batalhando pela fé nos campos do Salado, defendendo com as suas hostes a cidade do Porto do cerco de Afonso XI de Castella, promovendo a concordia entre Afonso IV e seu filho D. Pedro...

A arca é toda esculpturada. Pela face esquerda enfileiram-se os doze apóstolos, com os seus distinctivos, em attitudes dialogantes; pela direita, nos encazamentos eguaes e divididos por pilastras, doze ecclesiasticos entoam os psalmos. No cabeçal, um tryptico com o crucificado contorcido na agonia dolorosa entre o discipulo e a mãe, immersos na mais extranha tristura; aos lados, os symbolos dos evangelistas Marcos e Lucas. Na testeira opposta, outro tryptico tendo ao centro a donairoza Virgem com o filho ao collo entre dois arjos, semelhantes a meninos do coro segurando cirios; lateralmente, os emblemas de Matheus e João. Tal é a imagetica religiosa e suave que circumda o sarcophago.

Pela factura desinvolta e malleavel, pela mimica assaz intencionada e intelligentemente deduzida, pelas proporções justamente sentidas e pelo pormenor triumphantemente exposto, este monumento marca uma epocha de segura e assignalada evolução na arte que, poucas decadas volvidas, attingiu o seu mais elevado aperfeiçoamento.

Quanto dista do impessoalismo, hieratico, abstracto e severo, do seculo precedente esta vivida, real e erudita plastica, galantemente manifesta no calcareo!

Graças ás providencias de D. Gonçalo, o seu tumulo chegou, até nós, livre de seviçias, áparte a hedionda pintura a óca com que foi besuntado por ordem d'um deão que na seguinte legenda deixou exarados o seu zelo, a sua orthographia e a sua grammatica:

= 1348. AQUI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PER.A AVÒ DO CONDE ESTABEL DE PORTUGAL D. NUNO ALVARES PEREIRA, DO QUAL PROCEDE O IMPERADOR CARLOS QUINTO, E EM TODOS OS REINOS DE CHRISTAONS DA EWROPA QU OS REIS, OU RAINHAS DELLES, OU AMBOS E REFORMADA PELO DEÃO ADMINISTRADOR D LUIZ NO ANNO DE 1780 =



AS CARREIRAS DE AUTOMÓVEL EM COIMBRA

DAMOS hoje a photographia dos omnibus-automóveis, com os quaes se inauguraram no mez passado carreiras em Coimbra, entre a cidade alta e a cidade baixa.

Por ser a primeira cidade em Portugal em que este serviço foi montado, não queremos deixar de registrar nas paginas da *Illustração Portuguesa* este acontecimento, de um progresso tão moderno e de tão grande futuro, devido à iniciativa do dr. Tavares de Mello.

Toda a gente familiarisada em assumptos de *sport* conhece este nome, que é um exemplo de arrojada iniciativa.

Filho de uma distincta familia da Beira e com meios de fortuna para se divertir como tantos outros, tal interesse lhe mereceu o automobilismo e a elle se dedicou por tal fórma que, apesar de não ter o

curso de engenharia, pois é bacharel formado em direito, é hoje considerado um verdadeiro engenheiro d'esta especialidade, para quem os automoveis não tem segredos nem resistencias.

Tem mesmo introduzido importantes modificações no mecanismo dos seus automóveis, tendentes a tornal-os mais resistentes e mais praticos para a circulação nas nossas estradas, quasi sempre em mau estado e por vezes muito ingremes.

Como *chauffeur* é o primeiro entre os primeiros; basta vê-lo ao guidador para bem se apreciar a sua mestria sem igual.

Os carros postos em circulação em Coimbra, com tão grande exito, são de 4 cylindros com a força de 24 cavallos e transportam 20 pessoas. A primeira photographia representa um dos automoveis atravessando em um domingo a avenida Navarro, em Coimbra.



COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta de impressão e de embrulho.

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especificas de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórmas

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

Lisboa - 270, Rua da Princesa, 276
Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico: LISBIA. COMPANHIA PRADO
PRADO-PORTO-LISBOA: Numero 1-4-technico 508

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro com vora rapidez e invencivel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chiromancia, phrenologia e physionomia e pelas applicações practicas das theorias de All. Lavater, Desbatrolles, Lombroso e d'Arpailley. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos elites da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diurnas das 9 da manha as 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 18000, 28500 e 58000 reis.



O licor vegetal

Produzindo sempre curas verdadeiramente maravilhosas!!

O ex.^{mo} sr. Leopoldo da Silva Freitas, morador na rua dos Ferreiros - Funchal - (Ilha da Madeira) autorisa-me a publicação da seguinte carta que d'elle recebi: «lli.^{mo} sr. proprietario da Pharmacia Brasileira - Largo de S. Domingos, n.º 15, Lisboa.

Felicitando-me a mim proprio pelos magnificos resultados que obtive com o uso de 17 frascos do seu «Licor Vegetal» na cura das minhas enfermidades (ulceras nas pernas e escrophinas) que ha bastantes annos me faziam sofrer tormentosamente; e n'estes ultimos tempos me impediam o andar, felleito-o tambem pelo seu valiosissimo medicamento que me restituiu a saude e a saude: testemunho-lhe assim a minha gratidão pelas inquebreciveis provas que durante o periodo do meu tratamento recebi com as suas efficacissimas cartas. Pode, sr. assim o entender, publicar esta, que, verdadeiramente sincera, servirá de estimulo aos infelizes que ainda não tiveram a dita de fazer uso do seu milagroso remedio.

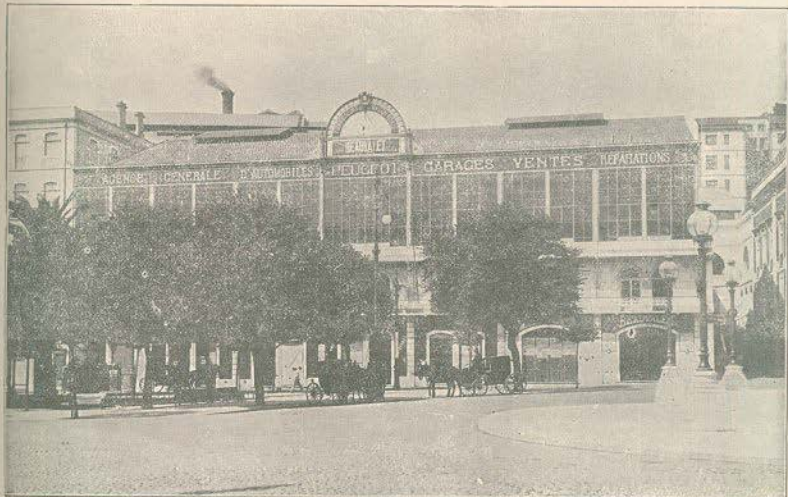
Aqui fica mais outra vez bem patente o maravilhoso e seguro resultado do «Licor Vegetal» da Pharmacia Brasileira na cura das molestias acima indicadas, bem como reumatismo, eczema, herpes, inflamações dos olhos, utero e ovarios, menstruações irregulares, morpheia, e muitas outras demandadas do sangue impuro. - Os pedidos devem ser feitos assim: Proprietario da Pharmacia Brasileira, Largo de S. Domingos, 15, Lisboa. - Cuidado com as imitações ou falsificações.

PREÇO:

1 frasco, 1\$000 réis;
7 frascos, 6\$000 réis.

Para a provincia
o porte é gratis.

A mais importante casa de automoveis em Portugal



BEAUVALET & C.

Representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis

Praça dos Restauradores, Lisboa

Agente em Paris: -- Camille Lipman, 26, Rue Vignon

BREVEMENTE

Brevemente
n' O SEculo

Extraordinaria
collecção de

BICHOS

BREVEMENTE

BREVEMENTE
Assombroso
acontecimento

em que figura
BICHARIA

de toda a especie
e que dará
a todos coisas
valiosas e lindas

BREVEMENTE

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

OS MELHORES CHARUTOS DA ACTUALIDADE

FUMEM OS CHARUTOS

Republicanos	30 réis
Congressistas	30 "
Regeneradores	30 "
Marianos	50 "
Navarras	60 "
Agulha	80 "
La Corona y' a España	100 "

A todos que depositam e fabricam de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Beja, Faro, Castello Branco, Guarda, Funchal, Evora, Lameira, etc.

UNICO IMPORTADOR
Alfredo Alves Martins

153, Rua da Palma, 155—LISBOA

PEÇAM
EM TODA A PARTE

AGUAS minerais do Monte Banção

COLLARES

COLLARES

R. Arco Bandeira, 216, 2.º
LISBOA

AGUAS minerais do Monte Banção

Sedativo BEIRÃO
ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e soterano medicamento para todos os sofrimentos que procedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenarchas). Causa ou allivia as cólicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris, vertigens, apazomas, convulsões, ataques nervosos, hysterias e outras doenças. Vomitos, diarréas, state a evasão de trat-e por accumulação de gases, e torções das veias das pernas e do morbidissimo que muito complica as menstruações irregulares. O Sedativo «Beirão» actua com ê-principalidade sobre o utero, orgão anexo e dependente, dá-lhes en-ergia muscular, regulariza as suas funcções e é muito-efficaz na anemia dos ovarios e na debilitação e fraqueza do utero. É indispensavel em amenorrhéas accidentaes ou suspensas, em allia das regras por effeito de restrições, emopções ou excessos. O Sedativo «Beirão» contém propriedades tónicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxu branco-tero vaginal (leucorrhéas).

O Sedativo «Beirão» é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras mu-culosas do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentação de graves perturbações gastro-intestinaes, diminute a grande sanguinea, estabelece o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da super-abundancia de sangue e de outras molestias que sobrevem pela cessação final dos mestros e a mudança da vida da mulher. O Sedativo «Beirão» não e contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de causas d'aquelles orgaos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUTORIZADOS
Em Portugal: Pharmacia Libera-
l — Avenida da Liberdade, 167,
Lisboa.
Pharmacia do Padrão — Rua
Formosa, 10, Porto
Inglaterra e colonias: Mr. J.
Wyman.
Export Drugists, 58 e 59, The
shill Row London, E. C.

O principio e seguimento das minhas regras mecessa foi sempre angustiado e acompanhado de peritrações que causavam dor e muita vez perda de sensibilidade.

Foi a uma d'estas crises que o meu medico assistente, o Sr. Dr. Antonio Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão anti-dysmenorrhéico. Logo chei a calma e não fiquei mais doente.

Tenho repetido o uso d'este prezavel remedio, e não cessou em nada a sua nobre e verdadeira accção que se agora apparecem agora regularmente e sem dor.

Naes dos remedios caseiros em sua pharmacia já me enviou um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 128, em 20 de novembro de 1898—Bellella Maria Fernandes.

(Reque o reconhecimento do tabellido Antonio Borges d'avellos).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraïque.

Prix du flacon: huit francs, Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.

Relógio em toda a hora de regresso ao tempo

RELOGIO VULCAIN
HORA EXACTA

Relógio em toda a hora de regresso ao tempo